



Universidade De Brasília - UnB
Instituto de Ciências Humanas – IH
Departamento de Geografia - GEA

**OS FILMES COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE
GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Reflexões e ensaio de aplicação.

Autor: Gabriel Araújo Alves

Orientador: Dr. Dante Flávio da Costa Reis Junior

Brasília, DF

2014

Gabriel Araújo Alves

**OS FILMES COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE
GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Reflexões e ensaio de aplicação.

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Dante Flávio da Costa Reis Junior

Brasília, DF

2014

Gabriel Araújo Alves

**OS FILMES COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE
GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Reflexões e ensaio de aplicação.

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Dante Flávio da Costa Reis Junior.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Dante Flávio da Costa Reis Junior (orientador) – GEA/UnB

Prof. Dra. Cristina Maria Costa Leite (Membro Externo) – FE/UnB

Prof. Dr. Valdir Adilson Steinke – GEA/UnB

Brasília, DF

2014

Alves, Gabriel Araújo

Os filmes como recurso didático para o Ensino de Geografia no Ensino Fundamental II / Gabriel Araújo Alves. – 2014.

56 f. : il.

Monografia (Graduação) – Universidade de Brasília. Instituto de Ciências Humanas. Departamento de Geografia, Brasília-DF, 2012.

Orientador: Prof. Dr. Dante Flávio da Costa Reis Junior

1. Filmes 2. Ensino de Geografia I. Título

Agradecimento

Ao Senhor nosso Deus, que me permitiu chegar com saúde, fé e esperança nesse momento.

À Maria mãe de Deus e minha mãe, sob o título de Nossa Senhora Aparecida, que derramou graças abundantemente sobre mim durante toda a minha vida.

Aos meus pais, Luís Alves de Oliveira e Maria Gorete Melo Araújo Alves, pelo exemplo de força, humildade, sabedoria e que com muita paciência, compreensão, amor e carinho sempre me deram força e me apoiaram nas minhas decisões.

Aos meus irmãos, cunhados e sobrinha pelo apoio, amizade e incentivo no decorrer do curso.

À minha namorada Bruna Rodrigues Coimbra, por todo amor, carinho, companheirismo e compreensão em todos os momentos.

A todos os meus familiares e amigos, que me acompanham nas batalhas diárias e que conto em todos os momentos.

Aos meus professores, em especial ao professor Dante Reis, pela orientação e tempo dedicado.

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.”

I Coríntios 13, 1.

Resumo

A apresentação dessa pesquisa tem como intuito a exposição da utilização de filmes como um recurso didático e como uma ferramenta útil ao professor servindo como um aliado ao Ensino de Geografia na Educação Básica. Os esforços foram concentrados para demonstrar que as produções fílmicas podem ser instrumentos valiosos para uma prática pedagógica mais dinâmica e atual, visto que além de proporcionarem um debate para a construção do conhecimento geográfico, buscam atender a necessidade da sociedade contemporânea. Esse trabalho contou com as seguintes etapas: uma revisão bibliográfica; aplicação de questionários com professores de Geografia e alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental II (6º e 7º Ano); e observação de uma aula em que um filme foi incorporado à prática pedagógica. Notou-se que os professores consideram os filmes como uma ferramenta didática válida em sua prática pedagógica, porém percebeu-se que enfrentam algumas dificuldades para o uso de tal recurso.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; prática pedagógica; recurso didático audiovisual; análise fílmica.

Abstract

The presentation of this research is aimed at exposing the use of films as a teaching resource and as useful to the teacher serving as an ally to the Teaching of Geography in Elementary and High School Education tool. The efforts were concentrated to demonstrate that the film productions can be valuable for a more dynamic and current pedagogical practice instruments, as well as providing a discussion for the construction of geographical knowledge, seek to meet the needs of contemporary society. This work has the following steps: a literature review; questionnaires to teachers and students of Geography in some series of Elementary School (6th and 7th Year); and a class observation in which a film was incorporated into the pedagogical practice. It was noted that teachers consider the films a valid teaching tool in the practice, but it was realized that they face difficulties in using this feature.

Keywords: Teaching Geography; pedagogical practice; audiovisual teaching resource; film analysis.

SUMÁRIO

Introdução	11
1. Capítulo 1 – Análise e compreensões sobre o Ensino em Geografia	14
1.1. <i>Contextualização histórica da gênese da Geografia Escolar</i>	14
1.2. <i>Reformulação da Geografia Escolar: busca por um novo significado</i>	19
2. Capítulo 2 – Cinema: A arte “intencionalidades” como alternativa pedagógica na educação em geografia	26
2.1. <i>Importância de novas práticas</i>	26
2.2. <i>O uso de novas no Ensino de Geografia: o cinema como alternativa</i>	28
3. Capítulo 3 – Uma proposta prática da utilização do cinema em sala de aula	35
3.1. <i>Diagnóstico da utilização do cinema</i>	35
3.2. <i>Análises dos dados obtidos por meio dos questionários e observação</i>	36
Considerações Finais	50
Referências Bibliográficas	52
Anexos	54

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Você considera os filmes como uma ferramenta didático-pedagógica para o Ensino de Geografia?.....	39
Gráfico 2 – Você costuma a exibir filmes em seu dia-a-dia como professor?.....	39
Gráfico 3 - Quanto à exibição de filmes pelos professores com os/as estudantes, você considera:	40
Gráfico 4 - Quais são as principais dificuldades para o uso de filmes nas aulas?	40
Gráfico 5 - Em que momento da sua prática cotidiana na escola você trabalha com filmes?	43
Gráfico 6 - Além dos filmes qual desse(s) recurso (s) você já utilizou em suas aulas?.....	46
Gráfico 7 – Você gosta de assistir filmes?.....	46
Gráfico 8 – Os seus professores costumam utilizar, filmes, vídeos, músicas nas aulas?.....	47
Gráfico 9 – Quando o professor usa algum desses recursos em sala você gosta?.....	47
Gráfico 10 – Você consegue perceber nos filmes alguma coisa relacionada com a Geografia?.....	48
Gráfico 11 – Você consegue perceber que a Geografia está presente no seu dia-a-dia?	48

Índice de Tabela

Tabela 1: Sobre a utilização de novas tecnologias julgue as afirmativas:	37
---	----

Introdução

Vivemos em uma sociedade que tem como uma de suas principais características a presença de artefatos midiáticos e a velocidade de transmissão das informações que contribuem para que diferentes e novos tipos de linguagens ocupem um lugar de destaque na dinâmica cultural e nas mais diversas áreas do conhecimento. Dessa maneira, é conveniente levantar algumas questões que nos direcione a realizar uma reflexão sobre a maneira com que as novas linguagens podem contribuir para as práticas pedagógicas e de que forma elas colaboram para que o aluno construa formas de conhecer e produzir interpretações sobre o mundo em que vive.

Para que ocorra um aproveitamento efetivo das novas linguagens no ambiente escolar e no Ensino em Geografia, é de extrema necessidade discutir e compreender o papel do professor, que deve romper com uma ideia tradicionalista de detentor do conhecimento para ser um mediador/orientador auxiliando o aluno no processo de construção do conhecimento. O professor e sua prática pedagógica são os principais elos entre os alunos e o processo de construção do conhecimento, ou seja, ele deve estar preparado para escolher o melhor caminho e as melhores ferramentas para promoção da construção do conhecimento.

Entre as diferentes linguagens que estão sendo utilizadas no ambiente escolar e nas aulas de Geografia, constata-se que o cinema vem sendo cada vez mais utilizado. Porém, os trabalhos e estudos acadêmicos que buscam discutir e apresentar quais os problemas da utilização do cinema e de que forma a arte cinematográfica pode contribuir para a construção do conhecimento ainda são necessários, pois a utilização dessa arte requer alguns cuidados. Devido ao crescente desenvolvimento técnico-científico informacional o cinema, como linguagem, vem crescendo como produto, já que se adequou aos novos dispositivos e acabou se tornando cada vez mais presente no cotidiano da sociedade.

Dessa maneira, esse trabalho de pesquisa, cujos resultados apresentamos nessa monografia, teve por objetivo analisar a utilização, pelos professores, da arte cinematográfica como ferramenta pedagógica para ensino em Geografia. Buscou-se compreender a funcionalidade das produções cinematográficas como ferramenta didático-pedagógica no Ensino em Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental II. Pretendeu-se, ainda, compreender o papel do professor como mediador entre o aluno

e a informação transmitida através das produções cinematográficas além de identificar como acontece essa utilização e quais as dificuldades enfrentadas pelo mesmo na utilização das artes cinematográficas.

Para que os objetivos da pesquisa fossem alcançados levantamos algumas hipóteses para orientar e direcionar os procedimentos. São elas:

- 1) O professor das séries iniciais do Ensino Fundamental II enfrenta dificuldades tanto de equipamentos, como de calendário (tempo) para utilizar o filme como ferramenta didático-pedagógica.
- 2) O professor atua como um mediador e direcionador durante o debate pós-filme, utilizando não só os filmes, mas outras ferramentas didático-pedagógicas (internet, músicas, jornais...) para facilitar seu trabalho e o entendimento dos alunos.
- 3) A partir da projeção de um filme a aula prende mais a atenção dos alunos, já que mesmo sendo ficção, o filme é uma representação da realidade e está presente no dia-a-dia deles.

Essas hipóteses foram colocadas à prova pela a execução dos seguintes passos metodológicos:

- 1) Levantamento bibliográfico sobre a trajetória da Geografia Escolar; o uso das TIC's; e de que forma os filmes contribuem para uma aprendizagem significativa.
- 2) Confecção e aplicação de um questionário para os professores buscando identificar como utilizam os filmes em sala de aula.
- 3) Confronto das respostas dos questionários com o levantamento bibliográfico realizado, a fim de realizar uma análise das práticas pedagógicas dos professores.
- 4) Acompanhamento de uma aula em que o professor utilize um filme como recurso didático e relato da experiência do professor e dos alunos.
- 5) Confecção e aplicação de um questionário para os alunos, buscando identificar as opiniões a respeito das aulas que utilizam filmes.

O presente trabalho possui três capítulos. Inicialmente é apresentada uma historiografia da Geografia Escolar em paralelo à geografia acadêmica, buscando

mostrar até em que fase caminharam juntas e em que momento se distanciaram. O segundo capítulo aborda a importância do uso das TIC's no contexto escolar e apresenta o filme como uma alternativa didática pedagógica que auxilia tanto professores como alunos no processo de ensino-aprendizagem. Por fim, o terceiro capítulo apresenta a tabela e os gráficos elaborados através dos resultados dos questionários respondidos, além de conter o relato da aula em que o professor utilizou o filme como recurso didático. Dessa maneira, foi possível perceber que os professores embora considerem o recurso fílmico como uma ferramenta que possa auxiliá-los em sua prática pedagógica enfrentam muitas dificuldades para utilizarem efetivamente os filmes em sala de aula.

Capítulo 1 – Análises e compreensões sobre o Ensino em Geografia.

1.1. Contextualização histórica da gênese da Geografia Escolar.

Para construir uma compreensão de como está o Ensino em Geografia atualmente, faz-se necessário uma historiografia do surgimento da Geografia Escolar e por consequência a da geografia acadêmica. Esse processo de construção possui, dentro de distintos momentos históricos, influências que direcionaram os caminhos e as práticas tanto da ciência geográfica como da Geografia Escolar. É preciso enfatizar que assuntos de teor geográfico estavam presentes nas escolas antes mesmo da Geografia ter sido institucionalizada e ter recebido o título de ciência, como aponta Guimarães (2007):

“A presença dos temas geográficos na prática de escolarização e a criação e estruturação da Geografia como disciplina escolar, é muito anterior a sua institucionalização como disciplina acadêmica. Deve-se destacar, inclusive, que foi a sua presença nas escolas primárias e secundárias, na Europa, no século XIX, e a necessidade de formar professores de Geografia para ministra-las que favoreceram a sua institucionalização como ciência”. (p. 48).

O contexto histórico de gênese da ciência geográfica é o de declínio de grandes impérios e a unificação alemã, assim a atividade profissional dos geógrafos estava atrelada principalmente a atividades voltadas para a gestão do território como o planejamento e o controle territorial. Leite (2002) apresenta uma síntese com relação à produção geográfica nesse contexto:

“[...] conferem à produção geográfica a incumbência de gerar o conhecimento efetivo sobre a extensão real do território; levantar as informações sobre as realidades desse e classifica-las; inventariar recursos naturais; localizar esses fenômenos por representação cartográfica.” (p. 249).

Essa produção geográfica voltada à mensuração de dados fragmentados que buscam enfatizar os elementos físicos da paisagem acompanha as tendências da Geografia Escolar praticada no momento que tinha o anseio de desbravar e compreender o mundo. A funcionalidade da Geografia Escolar passou, após a institucionalização da geografia acadêmica, a caminhar concomitantemente a produção geográfica que se tinha no

momento e tem nesse período a função de ser mais uma ferramenta para legitimação e consolidação dos Estados-Nações que emergiam. Vale ressaltar que nesse momento histórico a Igreja, instituição poderosa que detinha o domínio sobre a construção dos saberes e sobre a educação, estava perdendo parte dos poderes devido ao surgimento dos estados, da aristocracia, da burguesia entre outros. Como consequência desse processo de limitação dos poderes do clero, passa a ser responsabilidade do Estado a oferta de educação à população e a Geografia Escolar recebe a função de imprimir a noção de pátria nas mentalidades que estavam sendo construídas. Essa construção de patriotismo acontecia com a valorização das riquezas naturais e dos bens materiais que o Estado possuía, assim justifica-se uma prática da Geografia Escolar que buscava transmitir informações vinculadas à identificação, localização e caracterização do meio físico, pois o objetivo era imprimir a noção de pátria através de algo em comum a todos. As questões sociais, políticas e culturais não faziam parte nem da Geografia Escolar e muito menos da ciência geográfica. Nesse momento as questões arroladas ao homem em relação à sociedade e o homem como um sujeito ativo na construção do espaço eram desvalorizadas e não faziam parte do “campo de estudo” da geografia. Sobre essa desvalorização/fechar dos olhos para o homem como sujeito ativo no processo de constituição do espaço e na sociedade, Leite (2002) apresenta três motivos para que isso aconteça:

“A primeira é de cunho ideológico e diz respeito a não divulgação de informações, que pudesse comprometer o processo de consolidação/legitimação do Estado e conseqüentemente o processo de dominação da elite burguesa por meio do poder estatal [...]. A segunda refere-se à necessidade de criação de mão de obra, minimamente escolarizada, para atendimento das necessidades de reprodução do capital [...]. Por fim, a fundamentação filosófica. No intuito de legitimar-se como ciência, a Geografia enquadra-se nos pressupostos filosóficos vigentes na ocasião: o positivismo.” (p. 252).

Esses três elementos entrelaçados contribuíram para uma Geografia Escolar sem utilidade social, já que as escolas não deveriam formar cabeças pensantes, cidadãos críticos, mas sim condicionar essas pessoas a aceitar de forma serena a imposição estabelecida pela reprodução do capital e os interesses do Estado. Dessa forma, percebe-se que a experiência sensível como única fonte fidedigna do conhecimento (método indutivo) contribuiu para um reducionismo tanto da produção científica como da escolar. No que diz respeito à produção científica nota-se que esta permaneceu, por um

longo período de tempo, atrelada e estagnada na caracterização e mensuração da fisionomia dos fenômenos tendo como resultado a redução da realidade as feições observáveis da paisagem. A partir disso, restou à geografia escolar a “transmissão” do conhecimento por meio de uma síntese de dados e números em que competia aos alunos a memorização e reprodução dessas informações que não apresentava qualquer utilidade ou significado aos mesmos.

Essa geografia que preteriu as relações entre sociedade e homem, que não deu atenção à maneira que o homem se apropria do meio natural e que tem o indivíduo como um mero espectador, um elemento, um número no arranjo da paisagem faz parte de uma corrente geográfica fundadora que recebeu o nome, entre outros, Geografia Tradicional. A ciência geográfica até meados de 1970 evolui caminhando por outras diferentes correntes, tais como a do regionalismo francês e a do quantitativismo anglo-saxão. Ambas, por sinal, pautadas filosoficamente no positivismo (respectivamente, o clássico e o lógico).

“Nesse contexto torna-se importante destacar que a Geografia ensinada nas escolas é plenamente compatível com a Geografia considerada ciência. Isso porque os conteúdos estudados nas escolas eram decorrentes dos pressupostos científicos vigentes, havendo sintonia inclusive no tocante as questões de cunho ideológico. Existia, portanto, uma relação estreita entre a Geografia-Ciência e a Geografia-Escolar.” (LEITE, 2002, p. 255).

Desde o final do século XIX, quando a ciência geográfica foi concebida, até o início do século XX ocorreram, mundialmente, transformações que tiveram como resultado profundas alterações no cerne da sociedade, principalmente no que diz respeito à base social. Essas mudanças de contexto aconteceram devido às necessidades de se promover/dar condições para aquilo que se acreditava ser o ideal para alcançar o desenvolvimento que pode ser percebido simplificadamente por dois pontos que se divergem: O primeiro é o que coloca em evidência a era da industrialização, da urbanização, do planejamento econômico/territorial, da mecanização do campo, a globalização e os demais processos que de alguma forma contribuíram positivamente para o desenvolvimento técnico-científico-informacional da sociedade. Já o segundo ponto busca mostrar que consequências negativas também existiam, cresceram e se (re)estruturaram associadas a esse desenvolvimento como, por exemplo, o aumento

significativo das desigualdades, a injustiça social, o aumento da pobreza, a marginalização social e econômica dentre outros.

Como consequência dessa mudança paulatina do cenário mundial, a Geografia praticada não atendia mais aos anseios da sociedade e uma crise epistemológica tomou proporções significativas, ou seja, a produção geográfica “tradicionalista” não tinha mais como se justificar e os paradigmas deveriam ser quebrados dando lugar a uma nova produção geográfica que levasse em conta a realidade social e a totalidade do espaço. É assim que surge a Geografia Crítica fundamentada no Materialismo Histórico-Dialético para análise do espaço geográfico com uma proposta que lutasse por uma sociedade mais equitativa e igualitária. A harmonia entre a Geografia Científica e a Escolar, que ocorreu no andamento da Geografia Tradicional, não prosseguiu com o advento da Geografia Crítica, já que a geografia praticada na sala de aula não acompanhou o processo de renovação e ficou estagnada promovendo uma Geografia que muitas vezes limita-se a um simples conjunto de informações, aproximando-se de um telejornal ou de uma revista de variedades sem promover o conflito cognitivo essencial para uma aprendizagem significativa (KAERCHER, 2007).

Considerando o contexto brasileiro, a Geografia que se apresenta ao final da década de 30 e se instala no país é de herança francesa, ou seja, a geografia inicialmente praticada no Brasil foi a do método regional vinculada a chamada Geografia Tradicional. No que diz respeito à Geografia Científica brasileira, temos as Universidades e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ¹ como os dois principais articuladores e desenvolvedores e estes tinham suas produções voltadas para o levantamento de informações fisiográficas da paisagem apresentando uma consonância com os objetivos do Estado, o de enaltecimento da pátria e da busca da unidade nacional, e uma justificativa para prática da Geografia Escolar realizadas nas salas de aula. Seguindo a lógica conferida pelo Estado, a Geografia Escolar brasileira então teve a missão de engrandecer o Brasil pelas suas riquezas naturais e dimensões

¹ A carência de um órgão capacitado a articular e coordenar as pesquisas estatísticas, unificando a ação dos serviços especializados em funcionamento no País, favoreceu a criação, em 1934, do Instituto Nacional de Estatística - INE, que iniciou suas atividades em 29 de maio de 1936. No ano seguinte, foi instituído o Conselho Brasileiro de Geografia, incorporado ao INE, que passou a se chamar, então, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desde então, o IBGE cumpre a sua missão: identifica e analisa o território, conta a população, mostra como a economia evolui através do trabalho e da produção das pessoas, revelando ainda como elas vivem. (Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>).

territoriais, porém deixou de discutir os aspectos políticos, sociais e culturais da sociedade brasileira que logo viveria momentos de discussões e tensões no cenário político/social e resultaria em uma desvalorização da Geografia como um todo, pois essa não apresentaria uma proficuidade à sociedade.

No momento em que a Geografia Crítica se propôs a refletir a relação entre homem e sociedade, suas decorrências de poder no espaço, o seu papel político e possuir em seu discurso um engajamento pelas questões sociais, conseguiu se instaurar e buscou se solidificar como uma nova corrente de pensamento geográfico no Brasil. Com isso, percebeu-se um desencontro entre o que é produzido academicamente com o que está sendo desenvolvido nas escolas, pois as pesquisas acadêmicas possuem tendências críticas e a produção escolar se apresenta através de uma prática tradicionalista aparentando ter parado no tempo com atividades que priorizavam a memorização de lugares, características demográficas/econômicas e fenômenos naturais. O que pode ser destacado ao final dessa análise da história da Geografia Científica paralelamente à Geografia Escolar na escala mundial, é que quando voltamos o nosso olhar a “realidade” dessa ciência no Brasil percebe-se que há quase que uma reprodução simultânea dos acontecimentos e da trajetória da Geografia de outros países. Dando ênfase a Geografia Escolar praticada no Brasil, Cavalcanti (2008) faz um apanhado geral sobre o que foi colocado:

“A geografia como era ensinada não atraía os alunos; não havia uma consciência da importância dos conteúdos ensinados por essa matéria; o saber por ela vinculado era inútil e sem significado para os alunos, servindo, antes, aos projetos políticos de formar um sentimento de patriotismo acrítico, estático e naturalizante; a memorização tornou-se seu principal objetivo e também orientou sua metodologia”. (p. 28).

A partir desse momento da década de 80, nota-se o início de uma procura árdua para novas possibilidades e trajetórias, que norteadas pelo materialismo dialético, tiveram a finalidade de apresentar uma Geografia Escolar que visa conferir mais significados aos conteúdos oferecendo aos alunos uma disciplina mais sedutora buscando um rompimento com uma práxis fragmentada e descontextualizada.

“Mais do que localizar e descrever elementos da natureza, da população e da economia, de forma separada e dicotomizada, propunha-se uma nova estrutura para esse conteúdo escolar, que tivesse como pressupostos o espaço e as contradições sociais, orientando-se pela explicação das causas e decorrências das

localizações de certas estruturas espaciais”. (CAVALCANTI, 2008, p. 28).

A partir de 1990, com o quadro de transformações nos panoramas sociais, econômicos, culturais, científicos e educacionais a necessidade de uma renovação na trajetória do Ensino em Geografia se acentuou, acarretando novas possibilidades metodológicas para criar condições necessárias ao entendimento desse novo contexto de pluralidades mundiais de enorme complexidade que deveriam ser incorporados não apenas na geografia acadêmica, mas também deveria ser traduzida pela Geografia Escolar aos alunos. O Ensino em Geografia passou então a ser repensado dentro da academia e começou a engatinhar rumo a uma reconstrução que buscava mais do que apenas lecionar conteúdos críticos, mas a construir e a sugerir novas práticas e formas de como ensinar o aluno a pensar criticamente sobre os novos conteúdos que se preocupavam com elementos de análise espacial, com as contradições sociais entre outras coisas que antes não eram vinculadas ao objeto de estudo da Geografia.

Cavacanti (2008) destaca dois importantes avanços na relação entre geografia acadêmica e o ensino, o primeiro diz respeito ao aumento significativo do número de trabalhos vinculados ao Ensino em Geografia nos últimos anos e através deles tem se constituído em ricos diagnósticos da geografia praticada e ensinada no país, subsidiando a definição de parâmetros para a avaliação de propostas curriculares, de políticas educacionais, de livros didáticos, de metodologias e de procedimentos empregados no ensino; o segundo ponto trata-se de uma aposta num processo inicial de reconhecimento da legitimidade e da relevância da pesquisa no ensino de geografia realizada pela comunidade acadêmica.

1.2. Reformulação da Geografia Escolar: busca por um novo significado.

Nesse processo de renovação da Geografia Escolar, uns dos principais pontos que passaram a ser discutidos e colocados em evidência nas discussões acadêmicas foram as práticas e a formação dos praticantes da Geografia Escolar: os professores. A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) foi uma grande aliada ao Ensino em

Geografia, já que os encontros e debates que foram por ela promovidos tinham por finalidade buscar novas possibilidades e maneiras de adequar a prática da Geografia Escolar tentando fugir da fragmentação e compartimentação dos conteúdos resultando em um encurtamento da distância entre o que deveria ser aprendido com a realidade vivenciada pelos alunos seja ela política, econômica ou social.

“[...] a AGB teve papel fundamental na promoção de encontros com objetivo principal de refletir sobre o ensino e incentivar a produção de artigos sobre esse tema. A AGB nacional publicou, a partir de 1986, a revista Terra Livre, com temáticas prevista para cada volume, sendo o segundo volume, de 1987, inteiramente dedicado ao ensino em Geografia”. (PONTUSCHKA, 2009, p. 68).

Outro ponto que passou a ser exaustivamente discutido foi a qualidade dos livros didáticos que não atendiam mais o que estava sendo proposto por essa “geografia renovada” e também por outro importante processo que o Brasil vivia naquele momento: a renovação curricular do ensino fundamental e médio. No que diz respeito à temática da qualidade dos livros didáticos, o que pode ser constatado ao fazer uma análise mais profunda é que pouco se avançou e os livros ainda seguem a linha de uma prática tradicionalista, em que assumem o papel principal dentro de sala de aula e passam a ser a única fonte de pesquisas para a construção do saber sem, na maioria das vezes, a problemática trazida seja colocada em discussão. “O livro didático constitui um elo importante na corrente do discurso da competência: é o lugar do saber definitivo, pronto, acabado, correto e, dessa forma, fonte única de referencia e contrapartida dos erros e experiências de vida” (VESENTINI, 1989 p.166). Refletindo sobre a relação entre alunos e livros didáticos o que se verifica é uma incompatibilidade já que não há uma aproximação entre os dois, pois os livros em sua maioria trazem situações-problemas distantes da realidade do aluno e não conseguem despertar dessa forma o desejo do aluno a buscar explicações para os seus questionamentos. “Daí surge a importância de que os autores de livros didáticos também descubram formas atraentes de tratar de assuntos relativos ao cotidiano dos alunos”. (PONTUSCHKA, PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 343).

Embora tenha havido um esforço muito grande para a produção de novas possibilidades pedagógicas para o Ensino em Geografia o que infelizmente pode ser averiguado quando é feita uma análise sobre as pesquisas e trabalhos produzidos que se preocupam em constatar como está a atual prática de Ensino em Geografia, é que ainda

imperava uma esmagadora prática que não exigia uma reflexão crítica por parte dos alunos. A avaliação de aprendizagem dos mesmos favorece aqueles que conseguem repetir informações e dados que possivelmente serão esquecidos rapidamente, pois não possuem significado algum na realidade vivenciada por quem reproduz. Isso é resultado da Geografia Tradicional que de modo geral deixou profundas marcas na Geografia, contudo a Geografia Escolar ainda é a mais sensível a tal prática como afirma a citação a seguir:

“As práticas escolares foram profundamente influenciadas por essa forma de pensar e fazer geografia, criando uma tradição didática com forte predominância do enciclopedismo, do ensino mnemônico e que ignorava o caráter político da Geografia. Trabalhava-se um grande volume de dados, informações e descrições de modo descontextualizado, sem uma análise que permitisse aos alunos compreender os temas de forma significativa. Nesse sentido, tinham méritos os alunos com maior facilidade e predisposição para memorizar conhecimentos.” (GUIMARÃES, 2007, p. 48).

Dessa maneira, é adequada uma reflexão sobre o conjunto de motivos que levaram a Geografia Escolar a continuar uma prática tradicionalista mesmo com empenho de muitos autores que se dedicaram a pesquisas que tinham por finalidade a superação de uma Geografia Escolar sem utilidade. Tirando proveito do que é colocado por Cavalcanti (2008), autora importante no que se diz respeito as pesquisas relacionadas ao Ensino em Geografia, é preciso entender que a Geografia Escolar não é uma simplificação da ciência e que apesar da geografia acadêmica e a Geografia Escolar pertencerem ao mesmo campo científico possuem estruturas diferentes. Sem dúvida os debates e os conhecimentos produzidos nas instituições acadêmicas refletem no quadro da Geografia Escolar, porém Geografia Escolar e acadêmica possuem características, histórias e práticas próprias e não podem ser consideradas iguais. Nesse sentido, é válido buscar compreender as particularidades e as concepções teórico-metodológicas para se compreender de fato o que é a Geografia Escolar.

Para o entendimento das especificidades da Geografia Escolar é fundamental que seja entendido o atual momento que vive a sociedade, em que é verificável que há um grande número de linguagens em um contexto caracterizado por uma ampla quantidade de informação, que chega cada vez mais rápida, resultado da revolução tecnológica que vivemos. Contudo, pode-se afirmar que tal processo não assegura a inserção crítica dos alunos na sociedade, já que na maioria das vezes grande parte dessas informações chega

aos alunos fragmentadas, compartimentadas e descontextualizadas. Sendo assim, este processo dificulta a percepção das relações entre as mesmas, tendo como consequência o descarte da informação e das ferramentas de transmissão como categoria que auxilia na construção do conhecimento. Perante a essa explosão tecnológica e uma vasta quantidade de informação transmitida rapidamente pelos meios de comunicação, pela internet e outros, é importantíssimo utilizarmos essas benfeitorias na educação. Para que isso ocorra, saber manusear e dar significado aos dados obtidos é de extrema necessidade. Nessa perspectiva faz-se imprescindível discutirmos o papel da escola, do professor, do aluno e das práticas (principalmente as pedagógicas) que circundam essa tríade.

Pontuschka (2009) nos traz uma excelente ponderação com relação ao papel da escola nessa relação entre a informação e as instituições de ensino:

“A escola, nesse contexto, cumpre papel importante ao aproximar-se das várias modalidades de linguagens como instrumentos de comunicação, promovendo um processo de decodificação, análise e interpretação das informações e desenvolvendo a capacidade do aluno de assimilar as mudanças tecnológicas que, entre outros aspectos, implicam também novas formas de aprender”. (PONTUSCHKA, 2009 p. 110).

Com essa interpretação ela nos deixa claro que a escola tem que preparar o aluno para uma leitura de mundo em que ele recebe uma vasta e rápida quantidade de informações descontextualizadas, mas que tenha que ser capaz de articular e associar essas, independente da linguagem ou dos instrumentos em que foram adquiridas, a mundo em que vive.

“Assim, a escola constitui lugar de reflexão acerca da realidade, seja ela local, regional, nacional ou mundial, fornecendo instrumental capaz de permitir ao aluno a construção de uma visão organizada e articulada do mundo”. (PONTUSCHKA, 2009 p. 110).

É nesse cenário, cercados de estímulos virtuais/informacionais, que, em via de regra, subvertem as relações entre professor e aluno que se faz necessário à compreensão do papel do professor. Ele deve ser mediador do processo de ensino-aprendizagem, ou seja, deve ser o elo entre o aluno e as informações recebidas, com o objetivo de aprimorar a habilidade do aluno de estabelecer relações e atribuir significados as informações recebidas. O professor não deve ser visto como o “guardião do saber”, mas sim como um orientador que “auxilia o aluno a aprender”. Na escala da

relação professor/aluno que está também inserida dentro desse processo o papel do professor continuou a ser arduamente discutido por alguns autores que não costumam se contradizer, mas acabam por se complementar.

“O professor, ao invés de expor o conteúdo ou de apresentar uma planilha pronta com as etapas da "pesquisa" que espera que os alunos cumpram, deverá ser o coordenador das atividades a serem realizadas por eles. Nessa função o professor organiza o trabalho, orienta a sua seqüência, fornece informações, demonstra técnicas, prove recursos, discute idéias, levanta dúvidas, avalia resultados. Enfim, envida todos os esforços para que os alunos atinjam os objetivos de seu trabalho”. (ALMEIDA, 1991 p. 86).

Infere-se que professor e aluno devem trabalhar juntos, como coautores do conhecimento, ou seja, como pessoas capazes de pesquisar e de construir suas próprias conclusões e definições deixando de lado simplificações de um conhecimento já pronto e estabelecido.

“O professor é insubstituível, é um orientador que ajuda o educando no seu processo de desenvolvimento cognitivo, na aquisição de novas habilidades e atitudes, no aprimoramento de seu senso crítico e de sua concepção de vida. O aluno, por sua vez, deixa de ser elemento passivo para ser participante ativo na (re)construção dos conceitos”. (VESENTINI, 2012, p. 10).

Para que o professor tenha êxito nessa significativa e importante relação com os alunos e, principalmente visando a construção dos conhecimentos escolares ele deve carregar consigo alguns elementos chaves para uma prática efetiva como, por exemplo, ser capaz de conceber o ajuste apropriado entre o conhecimento pedagógico e didático e o conhecimento da matéria a ser ensinada. Ter o domínio sobre o arcabouço teórico e conceitual sobre a produção acadêmica da ciência geográfica contribui expressivamente para expandir as condições dos professores a sistematizarem tal ciência de maneira mais efetiva para se chegar a melhores resultados no campo dos conhecimentos escolares. Chevallard (apud CAVALCANTI, 2008) apresenta outra importante referência para a constituição de conhecimentos que é a tese da transposição didática. Segundo o autor, a transposição é um processo amplo, de “passagem” do saber acadêmico ao saber ensinado, que não se restringe ao ato de preparar didaticamente um curso, mas que envolve toda a reflexão pedagógico-didática e epistemológica sobre os saberes. Dessa maneira, é notório que para ser um bom professor de geografia não basta mais apenas

ter propriedade sobre os conteúdos geográficos, mas o bom professor deve ser capaz de conseguir identificar o ponto exato da intersecção da tríade entre a Didática², a Pedagogia e Geografia para que naquele raio de ação possa atuar.

Com tudo que foi dito anteriormente podemos elencar algumas ideias que são renovadoras, mas ainda não chegaram às salas de aula do ensino fundamental e médio, com a intensidade necessária para uma inovação no ensino de Geografia. Para uma melhor compreensão optou-se por organizá-las da seguinte forma:

1. O Ensino em Geografia deve ter como ponto de partida questões que são vivenciadas pelo o aluno; a experiência cotidiana do aluno deve ser considerada no processo de construção do conhecimento e ele deve ser sujeito ativo e alvo da aprendizagem. “ O resgate e a valorização das vivências espaciais das crianças e jovens representa um referencial da maior importância para o ensinar e aprender Geografia” (GUIMARÃES, 2007 p.50).
2. O estudo da natureza não deve ser condenado e retirado das aulas de geografia, pois o aluno deve ser capaz de relacionar os sistemas naturais e sociais e identificar como acontece a relação entre eles. É evidente que o professor pode de acordo com a necessidade separa-los ou omiti-los em algum momento para um melhor resultado na construção do conhecimento. Sobre isso Vesentini aponta:

“A ideia de nunca se separar o social do natural é fantasiosa, sem nexo do ponto de vista científico. Existe o momento de separar e o de unir, o momento de isolar um elemento para melhor estudá-lo e o de relacioná-lo com outros fatores, da mesma forma que tanto a análise como a síntese são imprescindíveis ao avanço do conhecimento”.
(VESENTINI, 1995, p. 5).
3. O professor assume um papel de extrema importância na Geografia Escolar ele deve junto com os alunos ser sujeito ativo e elaboradores do conhecimento. É ele o responsável por escolher o modo, a ordem e quais atividades serão realizadas podendo assim assumir o papel de vilão, propondo atividades que priorizam a memorização e reprodução de informações, ou de herói com atividades motivadoras que irão promover uma reflexão e um pensamento crítico nos alunos.

² “A Didática se caracteriza como a mediação entre as bases teóricas-científicas da educação escolar e a prática docente. Ela opera como que uma ponte entre ‘o que’ e ‘como’ do processo pedagógico escolar.” (LIBÂNEO, 1994, p. 73).

4. O ensino de Geografia deve ter como meta fornecer ao aluno as ferramentas necessárias para que de maneira independente o aluno possa construir um pensamento geográfico de modo crítico, percebendo as relações fruto da sociedade, que possuem como palco o espaço geográfico, e que são decorrentes de um extenso processo histórico.
5. Devido ao atual cenário em que vivemos que tem como característica o encurtamento das distâncias, o aumento significativo da velocidade das transformações e informações o Ensino em Geografia deve se apropriar de diferentes formas de linguagens utilizando-se de novos artefatos para que os alunos possam colaborar com suas opiniões, ideias e conhecimentos. Surge assim, como alternativa a música, a literatura, a fotografia, os games, a televisão, o cinema entre tantos outros.

Por fim, percebe-se com o que foi dito anteriormente que a Geografia Escolar não é a geografia acadêmica traduzida aos alunos do ensino fundamental e médio. São vários os fatores que exercem influências na Geografia Escolar. Embora existam alguns caminhos que podem auxiliar uma alternativa para melhor construção do conhecimento percebe-se que o professor tem uma função extremamente importante na configuração da Geografia Escolar, pois nota-se que não há um padrão, uma fórmula, uma regra para se fazer Geografia Escolar e cada professor terá que buscar elementos que beneficiem sua prática docente. Cavalcanti apresenta um excelente ponto de vista geral sobre o tema e conceitua Geografia Escolar de maneira primorosa:

“A geografia escolar é o conhecimento geográfico efetivamente ensinado, efetivamente vinculado, trabalhado em sala de aula. Para sua composição, como já foi dito, concorrem a geografia acadêmica, a geografia ‘didatizada’ e a geografia da tradição prática. Essa composição é feita pelos professores no coletivo, por meio do conhecimento que constroem sobre a geografia escolar. Esse conhecimento é extremamente significativo na concepção de que conteúdos da matéria ensinar. Nele têm papel relevante as crenças adquiridas no plano vivido pelo professor como cidadão; o conjunto de concepções, crenças adquiridas na vida, incluindo aí a formação profissional universitária (a inicial e a continuada); as práticas sociais, as práticas de poder e a prática instituída na própria escola.” (CAVALCANTI, 2008, p. 28).

Capítulo 2 – Cinema: A arte das “intencionalidades” como alternativa pedagógica na educação em geografia

2.1. A importância de novas práticas

Vivemos em um mundo em que é perceptível a presença e o poder das tecnologias de informação e dos meios de comunicação. A interferência dessa presença marcante da tecnologia está presente em todas as áreas da sociedade, renovando o modo como as informações são transmitidas/repassadas e cobrando de diversos setores sociais um novo posicionamento, um "upgrade", para se adequarem ao novo cenário mundial. Segundo Tadesco (2004), a instituição de ensino e os meios de comunicação são considerados pelos alunos como fonte de informação, porque além de informar também ensinam. A partir disso, é possível perceber que a escola e, por consequência, o processo de ensino³/ aprendizagem e as práticas de ensino vêm cada vez mais se adequando às necessidades atuais, porém em algumas situações de maneira lenta e não eficaz. Contudo, Moran (2007, p.12) nos faz outro alerta, "[...] se ensinar dependesse só de tecnologias já teríamos achado melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo". A inserção de novas tecnologias nas aulas não assegura de maneira nenhuma um significativo processo de ensino e aprendizagem. Ou seja, as tecnologias sozinhas não suprem a lacuna das formas mais convencionais de ensino que se baseiam em atividades de memorização e aulas expositivas pra reprodução de dados e informações. De acordo com o autor citado, a maneira em que a maioria dos processos educacionais ocorrem atualmente “[...] não se justificam mais. [...] tanto professores como alunos temos a sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas”. (MORAN, 2007, p. 11). É fato que a modernização causa profundas transformações no meio educacional e por esse motivo alunos, professores e a própria instituição escolar deve realizar uma reflexão sobre os caminhos e função da educação escolar. Com relação à finalidade da educação escolar no panorama atual de uma sociedade cercada de estímulos tecnológicos, Francisco (2001) consegue resumir bem o que se passa:

³ Segundo Libâneo “o processo de ensino é uma atividade conjunta de professor e alunos, organizado sob direção do professor, como finalidade de promover as condições e os meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes, e convicções.” (LIBÂNEO, 1994, p. 74).

“A finalidade da educação escolar na sociedade tecnológica, multimídia e globalizada, é possibilitar que os alunos trabalhem os conhecimentos científicos e tecnológicos, desenvolvendo habilidades para operá-los, revê-los e reconstruí-los com sabedoria. A sociedade, baseada no desenvolvimento da tecnologia, realiza uma mudança no papel dos professores para que possam usar as TIC⁴ em sala de aula”. (p. 50).

Diante do que foi colocado pelos autores anteriormente citados, percebe-se novamente que a atuação do professor é fundamental para que aconteça ou não uma aprendizagem significativa. O acesso à informação foi facilitado nos últimos tempos devido aos avanços dos meios de comunicação e ao desenvolvimento tecnológico. Assim, muitas vezes o aluno chega à sala de aula com uma bagagem de informações e com convicções já construídas e cabe ao professor realizar uma atividade de cunho mais interpretativo do que informacional, ou seja, muitas vezes os alunos que já são servidos de aparato tecnológico utilizam-se desse meio para buscar informações sobre o que vai ser estudado e o papel do professor passa a ser então aquele que irá direcionar os caminhos a serem percorridos para que os alunos possam estar criticamente preparados para construir seus conhecimentos em uma sociedade informatizada. A prática docente mais uma vez deve ser colocada em evidência, pois não basta o professor usar as TIC's (Tecnologias da informação e Comunicação); se não estiver bem preparado se renderá a uma prática tradicional de repassar conteúdos com novos meios. Dessa maneira, nota-se que as tecnologias não devem ser trabalhadas apenas como uma ferramenta que irá contribuir e diversificar as formas de aprendizagem, mas devem ter como objetivo ser instrumentos que auxiliarão professores e alunos para uma efetiva construção do conhecimento. Além do que foi colocado, Gaia (2001, p. 88) nos adverte sobre outros cuidados que devem ser tomados com uso dos recursos midiáticos na educação:

“[...] educar ‘para e com’ os meios de comunicação requer análises cuidadosos, portanto, permanentes. Cabe ao professor estimular a aprendizagem, que pode ser prazerosa, mas sem perder de vista a criticidade, já que conteúdos desses mesmos meios podem ser integrados à prática pedagógica como fonte e aprendido”.

Respeitando os alertas e as indicações trazidas acima, percebe-se claramente que a inserção das novas tecnologias no processo de construção do conhecimento não deve ser tratada como uma solução para a maioria dos problemas educacionais e nem visam

⁴ De acordo com Tedesco (2004), pode-se definir TIC como os aparatos tecnológicos usados na propagação de informação na sociedade, como o computador, a televisão, o rádio, a internet, entre outros.

eliminar o uso de técnicas mais habituais de ensino, porém a sua utilização configura-se em um poderoso aliado que pode contribuir muito para que no atual momento vivido pela sociedade, a escola, por sua vez, se torne uma instituição mais agradável e atrativa tanto para professores como para os alunos. Nesse sentido, Oliveira (apud FRANCISCO 2011) assinala a função da tecnologia no processo de ensino e aprendizagem como uma maneira de aplicação dos conhecimentos científicos em situações/problemas relacionados ao conteúdo a ser ministrado na disciplina.

2.2. O uso de novas mídias no Ensino em Geografia: o Cinema como alternativa

Sabemos que as novas tecnologias, quando usadas de maneira apropriada no processo de ensino e aprendizagem, constituem-se em um importante meio de reflexão e crítica sobre a realidade social em que estamos inseridos. Desse modo, é imprescindível que a escola assuma o papel de uma instituição que esteja disposta a se abrir para a atual identidade cultural, ou seja, deve se preocupar em se sensibilizar a compreender o significado atribuído às novas tecnologias pelos alunos, estando pronta para realizar um trabalho que possibilitará uma aproximação crítica das informações recebidas pelos alunos pelas diferentes linguagens tecnológicas. Partindo do princípio que um dos papéis do Ensino em Geografia é auxiliar os alunos em uma compreensão e na “síntese” do mundo que é atualmente marcado pela estreita relação com a tecnologia, a cultura do consumo e da mídia faz-se necessário o uso de novas ferramentas para obter-se uma prática pedagógica inovadora respondendo à altura o cenário contemporâneo. Com relação às novas linguagens que podem ser utilizadas e que contribuem para o Ensino de Geografia, Guimarães (2013) faz o seguinte apontamento:

“Propagandas, filmes, sites, músicas, programas televisivos, revistas, games e tantos outros artefatos organizam de fato a experiência cultural dos nossos alunos, bem como são também linguagens que abordam conhecimentos geográficos. São produtos culturais que fazem parte da pedagogia não escolar e ensinam importantes conceitos geográficos”. (p. 226).

Devido a Revolução Técnico-científico-informacional, ocorrida no século XXI, possibilitou-se a criação de uma linguagem digital que auxiliou e potencializou novas

formas de se produzir e transmitir o conhecimento. Essas novas linguagens estavam vinculadas principalmente às imagens, que foram paulatinamente sendo apropriadas pelo Ensino em Geografia já que se caracterizavam por um instrumento útil de representação social e da dinâmica do dia-a-dia.

O ensino de Geografia tem na iconografia, um campo a ser desbravado. Para além dos registros cartográficos que se revelam por meio dos mapas e imagens de satélites, forma-se um conjunto abrangente de dados e informações que pode ser perscrutado nas e pelas imagens. Levar a iconografia para a sala de aula se constitui em uma possibilidade para ensinar a Geografia em uma perspectiva contemporânea e complexa. (DANTAS; MORAIS, apud MORAIS, 2013, p. 259).

Percebe-se que, através da utilização da linguagem imagética, o Ensino em Geografia ganha um aliado que aumenta as possibilidades do aluno de chegar a um melhor entendimento da (re)produção do espaço, além de ser útil também para a compreensão das estruturas e processos responsáveis por sua atual configuração. Segundo Morais (2013), estamos “Imersos no mundo das imagens, somos levados a reconhecer que elas existem para além dos suportes técnicos em que se encontram grafadas e que também estão inseridas no espaço” (p. 258).

É extremamente válido e importante que essas novas linguagens sejam inseridas no contexto escolar e que estejam presentes efetivamente nas salas de aula. Porém, alguns cuidados devem ser tomados, principalmente no que diz respeito ao entendimento de que as produções culturais possuem intencionalidades que devem ser debatidas e levadas em consideração tanto por alunos como por professores. A citação abaixo elucida melhor os cuidados que se deve ter com algumas produções culturais:

“[...] os produtos culturais que estão a nossa volta nada têm de ingênuos ou puros; ao contrário, incorporam intenções de apoiar, preservar ou produzir situações que favoreçam certos grupos e outros não. Tais artefatos, como se tem intensamente acentuado, desempenham, junto com o currículo escolar, importante papel no processo de formação de identidades de nossas crianças e nossos adolescentes, devendo construir-se, portanto, elementos centrais da crítica em processos curriculares culturalmente orientados.” (MORREIRA; CANDAU apud GUIMARÃES, 2013, p. 226).

Segundo Guimarães (2013, p. 237), “ensinar e aprender Geografia significa lidar, em boa medida, com discursos sobre o mundo e compreender o papel da linguagem para nos apresentá-lo”. Nesse sentido a autora revela que é absolutamente necessário

questionar as produções midiáticas/culturais e incorporá-las na prática pedagógica. Assim, a finalidade da prática pedagógica não deve ser apenas voltada para que os alunos consigam apanhar as informações trazidas, mas deve objetivar principalmente a indagação dos alunos a respeito das veracidades informacionais ou conteudistas trazidas por essas produções culturais.

Para que esse e outros objetivos possam ocorrer de modo significativo, principalmente os relacionados ao processo de ensino e aprendizagem, o professor tem uma função chave e deve estar bem capacitado seguindo alguns caminhos que permeiam pelo absoluto domínio do campo teórico-científico da ciência geográfica, passando pela reflexão pedagógica, por aspectos metodológicos e pela pesquisa para que enfim possa ter também um integral domínio do campo técnico-prático tendo assim todas as ferramentas necessárias para realizar uma satisfatória mediação didático-pedagógica entre teoria e a prática. Outro fator que exerce influência sobre a qualidade do processo de aprendizagem é a harmonia na relação professor-aluno. Para que essa harmonia ocorra em sala de aula a prática pedagógica e os recursos didáticos utilizados pelo professor são fundamentais.

“O processo pedagógico de ensino/aprendizagem precisa estar preocupado com a elaboração de uma linguagem que instrumentize o aluno para que ele possa ler e interpretar de forma ampla e irrestrita a diversidade múltipla que é o mundo, estabelecendo sentidos entre os elementos, destacando questões, pensamentos críticos, de forma a intervir e agir no mundo a partir do lugar em que se localize.” (NEVES; FERRAZ, 2007, p. 6).

É dessa maneira que as produções cinematográficas se traduzem em uma excelente alternativa didática, já que através de sua utilização o professor consegue avançar em duas importantes direções. A primeira diz respeito à relação entre professor-aluno que tende a ser harmoniosa já que o professor utiliza-se de um recurso novo dentro de sala de aula, porém presente no cotidiano do aluno. Dessa maneira, há uma aproximação da linguagem e um interesse maior do aluno com essa nova abordagem trazida pelo professor aumentando as possibilidades de um aprofundamento no aprendizado. Quanto ao segundo ponto, é possível perceber que os filmes têm um grande teor imagético que possibilita ao aluno uma melhor compreensão das relações e da configuração do espaço geográfico, ou seja, a utilização das produções cinematográficas em sala de aula permitem a visualização e a interpretação da realidade vivenciada já que mesmo sendo

uma ficção o filme na maioria das vezes acontece no “espaço vivenciado”, seguindo, por exemplo, regras, formas e aspectos da sociedade (COSTA, 2011).

“Por ser o cinema um meio enraizado na ideologia do realismo, tradicionalmente considerado como um “meio de reprodução do real”, o filme tem a capacidade de estreitar as relações entre o mundo real e a sua imagem produzida.” (COSTA, 2011, p . 44).

Outro ponto que pode ser destacado em relação à utilização de filmes no contexto escolar é que no atual cenário de globalização ocorreu uma popularização do acesso a essa arte, contribuindo para que as produções cinematográficas atendessem a todas as classes, oportunizando uma aproximação dos filmes com a maior parte da população. Com isso, constatou-se um crescente interesse científico em relação ao cinema possibilitando, por exemplo, que fossem desenvolvidos estudos de como os filmes poderiam ser utilizados em sala de aula. A citação abaixo ilustra melhor a relação existente entre o cinema e a escola:

O cinema e a escola se relacionam há muitas décadas, embora ainda tenham a resistência de não reconhecê-los como parceiros na formação geral das pessoas. No entanto, o cinema está no universo escolar, porque assistir a filmes é uma prática usual de quase todos os grupos sociais. O meio educacional ampliou o reconhecimento de que o cinema, por meio de seus filmes, desempenha um papel importante na formação do sujeito social. (FELIPE; TERUYA, 2009, p. 8).

A utilização das obras fílmicas na educação pode ser interpretada como um “fator” que contribui para desempenhar uma ação importante na formação cultural e intelectual, tanto dos educadores como dos educandos. Em seu livro, *Cinema & Educação*, Duarte (2002) exalta a utilização desse tipo de obras como ferramenta pedagógica:

“Analisar filmes ajuda professores e estudantes a compreender (apreciar e, sobretudo, respeitar) a forma como diferentes povos educam/ formam as gerações mais novas. É sempre um novo mundo, construído na e pela linguagem cinematográfica, que se abre para nós quando nos dispomos olhar filmes como fonte de conhecimento e informação”. (DUARTE, 2002, p. 106).

Dessa maneira, realizando uma reflexão sobre as práticas pedagógicas que podem ser desenvolvidas, o cinema aparece como uma ferramenta coerente e eficaz de

propor uma reflexão tanto por parte do professor como do aluno. Entretanto, alguns cuidados devem ser tomados e algumas diretrizes respeitadas.

“Tratando-se especificadamente da imagem cinematográfica nas atividades de ensino, é importante afirmar que sua relevância didática não é maior nem menor em relação aos outros recursos visuais – mapas, cartas topográficas, fotografias, figuras e etc. A vantagem (sempre relativa) dos filmes documentários e/ou de ficção está na ludicidade que empresta ao nosso trabalho.” (BARBOSA, 2010, p. 111).

Outro alerta que deve ser feito é que a linguagem cinematográfica deve ser utilizada nas aulas visando sempre o ganho educacional, ou seja, é muito importante que o professor esteja preparado para desconstruir a arte cinematográfica que envolve elementos artísticos e afetivos, dando uma atenção especial ao teor geográfico dos filmes. Ponderando os limites que existem entre a arte cinematográfica e a geografia, é de se perceber que estamos trabalhando com uma área fértil e extremamente instigante, e apesar dos pontos de cuidado podem ser destacados aspectos que estimulam o exercício desse trabalho.

“A ludicidade dos filmes possui uma característica muito própria: a imagem está em movimento. Assim, a vida representada na tela (a) parece mais próxima da nossa realidade. O filme nos traz uma forte impressão de realidade. Aliás, nós estamos predispostos a percebê-las desse modo em função da nossa própria tradição cultural, profundamente dominada pela criação/recriação de imagens visuais.” (BARBOSA, 2010 p. 111).

Dessa maneira, o cinema, assim como outros recursos didáticos, não deve ser limitado a servir apenas de complemento ou exemplo do que foi exposto em sala de aula pelo professor. A utilidade do filme como práxis pedagógica deve estar vinculada a promover condições que subsidiem uma aprendizagem coletiva, ou seja, entre professores e alunos. O conteúdo imagético da arte cinematográfica deve ser pensado como um meio de ocasionar uma análise crítica da sociedade em que estamos inseridos. Sobre as questões relacionadas à imagem cinematográfica como forma de análise social, Barbosa (2010) apresenta a seguinte opinião:

“Trata-se, portanto, de um movimento de apropriação cognitiva da relação espaço-imagem e, principalmente, da criação de sujeitos produtores do conhecimento e reconhecimento de si mesmos e do mundo.” (BARBOSA, 2010, p. 112).

Com o que foi colocado, percebe-se que os filmes quando utilizados em sala de aula devem está vinculados a um contexto didático que se deseja trabalhar, por exemplo, com temas e/ou conceitos. Além disso, a arte cinematográfica apresenta-se como uma ferramenta capaz de subsidiar a construção de uma representação simbólica e o desenvolvimento de um imaginário, dois caminhos que podem colaborar de maneira efetiva para o Ensino em Geografia.

As aproximações entre o uso de filmes e “objetos de estudos geográficos” caminham também na direção da representação, do entendimento e da percepção da paisagem e dos lugares, possibilitando aos espectadores (no nosso caso os alunos) romperem com os pré-conceitos existentes ou até mesmo possibilitando o contato com o desconhecido. A respeito disso, Azevedo (2009) faz o seguinte apontamento sobre a maneira com que os filmes conseguem atingir esse ponto:

“As técnicas de produção dos filmes, os personagens, o trabalho da imagem e do som, o uso de certos ângulos, o ritmo e a sequência das imagens, assim como o modo de edição dos filmes, constituem algumas técnicas a que os realizadores recorrem para produzir uma determinada representação do mundo retratado pelo filme. Trespessando de significados geográficos, o filme pode reproduzir ou desafiar representações coletivas e estereotipadas sobre os lugares, pois cada filme enfatiza sempre um determinado ‘olhar’ sobre o espaço.” (AZEVEDO, 2009, p. 99).

Nesse sentido, Neves (2010) concorda com o que foi colocado e de maneira clara faz o seguinte apontamento sobre os benefícios do uso de imagens fílmicas para se pensar e fazer geografia:

“As imagens fílmicas viabilizam a narração destas experiências concretamente vividas nos mais diversos lugares ao estabelecer, por meio do observador, o resgate, via memória, de um tempo passado para o presente espacial.” (NEVES, 2010, p. 155).

Com isso, percebe-se que as representações fílmicas, que possuem cada vez mais potencialidades de representações fidedignas, exercem um papel de desenvolvimento informativo/educativo relativo ao teor geográfico presente nos filmes e permite ao espectador perceber as relações existentes entre a parte e o todo.

“[...] a investigação geográfica em cinema desenvolvida nas últimas décadas vem desafiar o próprio modo como percebemos os lugares através desse meio, propondo uma perspectiva crítica e reflexiva, por parte do observador, relativamente ao conteúdo geográfico do filme potenciando o questionar das descrições ou retratos frequentemente estereotipados do mundo e dos lugares representados.” (AZEVEDO, 2009, p. 99).

É notório que atualmente o cinema se consolidou como uma prática social que colabora para o processo de compreensão e construção da realidade, já que, a cada representação feita por uma obra fílmica ao lugar, há uma materialização da imagem e uma elaboração de sentidos e significados que remetem àquele lugar. “Filmes sevem, assim, não somente como objeto para a crítica, mas como reordenamento da ‘imaginações geográficas’ que adquirimos do mundo.” (COSTA, 2011, p. 46).

Capítulo 3 – Uma proposta prática da utilização do cinema na sala de aula.

3.1- Diagnóstico da utilização do cinema.

A fim de realizar um diagnóstico de como os filmes estão sendo trabalhados em sala de aula e como alunos e professores avaliam essa prática, foi aplicado um questionário para cada um desses dois grupos. O questionário (*ver anexo*) direcionado aos professores teve como seus principais objetivos perceber como os professores enxergam e utilizam as TIC's, principalmente os filmes, em suas práticas pedagógicas e identificar as principais dificuldades que encontram ao decidirem utilizar as produções cinematográficas no cotidiano escolar. Presando pela objetividade e otimização do tempo, os questionários aplicados com os docentes foram simples e possuíam sete questões objetivas e duas discursivas. Já o questionário aplicado aos alunos buscou coletar informações para avaliar se há um interesse do aluno por tal prática e se podemos perceber indícios de uma aprendizagem significativa através das estatísticas e relatos das experiências vivenciadas pelos alunos em sala de aula. Estes questionários, porém, foram mais curtos tendo cinco questões objetivas e apenas uma discursiva, com uma linguagem compatível com idade/ano dos alunos. Foram aplicados cerca de vinte questionários com professores e quarenta com alunos de 6º e 7º Anos do Ensino Fundamental II de escolas particulares de quatro Regiões Administrativas (Taguatinga, Ceilândia, Gama e Guará) do Distrito Federal.

Optou-se também por ir a campo e acompanhar a prática com um dos professores que, gentilmente, respondeu ao questionário e permitiu a observação de duas aulas nas quais o filme “Os sem Florestas” (*ver em anexo a ficha técnica*) foi utilizado com o objetivo principal de trabalhar conceitos relacionados a problemas ambientais urbanos e rurais. A escolha do filme foi feita em conjunto entre o professor e o pesquisador adotando as etapas que foram propostas por Marcos Napolitano (2003, p. 273, grifo do autor), em seu livro *Como usar o cinema na sala de aula*:

1. FICHA TÉCNICA DO FILME: *esse campo deve conter as seguintes informações:*
(*Título original, diretor, país, ano, duração*);

2. SINOPSE: *o professor fará uma pequena resenha, contendo anotações sobre o contexto da produção;*

3. PÚBLICO-ALVO: *observar a faixa etária do filme; se é equivalente a dos alunos;*

4. ADAPTABILIDADE DO FILME AO PÚBLICO ALVO: *se o filme possui algo que não pode ser passado para os alunos, se eles irão entender a linguagem, quais as dificuldades que eles podem ter;*

5. ACESSIBILIDADE: *como os alunos terão acesso ao filme, quais as possibilidades de encontrar o filme. (Disponibilidade em DVD/vídeo ampla ou restrita. Fora de catálogo? Não foi lançado em DVD/vídeo? Localizável em acervos especiais como internet? Disponível na videoteca da escola?).*

6. POTENCIAL DE USO EM ATIVIDADES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS: *Qual a potencialidade no conteúdo geográfico ministrado ou já ministrado?*

7. APLICABILIDADE EM ATIVIDADES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS, *no conteúdo de geografia.*

8. QUESTÕES PARA DEBATE:

- *O que eles observaram do conteúdo e como eles observaram?*
- *Como o filme irá ajudá-los a entender os conteúdos?*
- *Qual o contexto histórico?*

Após a realização dessas etapas, foi executada a tabulação de dados que se dividiu em dois momentos: confecção de tabelas e gráficos (variáveis quantitativas) e o estabelecimento de um padrão de respostas (questões discursivas). Visando uma melhor análise de dados, as interpretações foram sempre realizadas buscando um diálogo com o que foi apresentado nas discussões teóricas que precederam esse capítulo.

3.2- Análises dos dados obtidos por meio dos questionários e observação.

Primeiramente, foram realizadas as interpretações e as inferências com relação à tabela e aos gráficos produzidos pela coleta de informações obtidas nos questionários dos professores, em seguida a dos alunos. As respostas discursivas foram apresentadas

relacionadas às informações alcançadas pelos gráficos, onde foi estabelecido um padrão de resposta. E, por fim, foi realizada a descrição da atividade realizada pelo professor.

A primeira questão do questionário aplicado aos professores tinha por objetivo ser introdutória e identificar a percepção dos docentes quanto à utilização das TIC's no dia-a-dia escolar. Segue a tabela com a apresentação dos dados:

Tabela 1: Sobre a utilização de novas tecnologias julgue as afirmativas:

	Concordo plenamente	Concordo em partes	Não concordo e não discordo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
Afirmativa A	6 (30%)	6 (30%)	0 (0%)	3 (15%)	5 (25%)
Afirmativa B	7 (35%)	7 (35%)	2 (10%)	0 (0%)	4 (20%)
Afirmativa C	2 (10%)	11 (55%)	1 (5%)	3 (15%)	3 (15%)
Afirmativa D	3 (15%)	9 (45%)	0 (0%)	4 (20%)	4 (20%)
Afirmativa E	18 (90%)	2 (10%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)

Afirmativa A – Somente pelo fato da utilização das novas tecnologias há um rompimento com as formas mais convencionais de ensino.

Afirmativa B – As novas tecnologias garantem uma inserção crítica do aluno na sociedade.

Afirmativa C – Atualmente as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) estão assumindo o papel de ser a principal fonte de aprendizagem dos alunos.

Afirmativa D – Independente do modo como o professor utiliza os novos meios de informação e comunicação em sua aula ele já foge de uma prática tradicional.

Afirmativa E – As novas tecnologias são um importante aliado para o Ensino em Geografia.

Em linhas gerais, nota-se que os professores apresentaram opiniões bem diferentes com relação à utilização das novas tecnologias. Nas afirmativas **A** e **D** nota-se um maior grau de divergência com relação às opiniões, pois cerca de 60% dos professores de alguma forma concordaram (plenamente ou parcialmente) e 40% discordaram

(parcialmente ou totalmente). Com relação a essas afirmativas, o resultado obtido vai contra ao que foi exposto na discussão teórica, já que é de extrema importância que os professores utilizem as novas tecnologias e os novos recursos como uma ferramenta para promover uma reflexão/debate buscando (re)construir conceitos e visando uma aprendizagem significativa. Ao utilizar-se desses novos meios sem um objetivo bem definido e sem uma construção teórico-metodológica fundamentada, faz-se com que as novas tecnologias sejam apenas mais alguns instrumentos que irão perpetuar as práticas tradicionais que primam por um ensino mnemônico e prolixo.

Já nas afirmativas **B** e **C** tivemos um maior número de professores que de alguma forma concordaram (plenamente ou parcialmente) com as afirmativas, respectivamente 70% e 65%. Ainda em relação a essas afirmativas percebe-se que alguns professores (10% e 5%) preferiram marcar a opção “não concordo e não discordo”, restando apenas 20% e 30% discordando das afirmativas. Embora na afirmativa **B** a esmagadora maioria dos professores tenha concordado deve-se considerar que devemos ser cautelosos a assegurar que as novas tecnologias garantam a inserção crítica dos alunos no meio social, já que as novas mídias tecnológicas também possuem intencionalidades que devem ser levadas em consideração. Assim, ganha destaque o papel do professor que oferece aos seus alunos os utensílios necessários para que esses possam perceber as minúcias que estão nas entrelinhas de uma reportagem, música ou um filme por exemplo. Já na afirmativa **C**, dos 65% que concordaram, 55% concordaram parcialmente, revelando que a maioria dos professores possui uma opinião semelhante com o que foi exposto no trabalho. Desse modo, reconhecem que as TIC's, no atual cenário de globalização e velocidade de informação, são importantes e dividem com a escola o papel de fonte de aprendizagem.

Por fim, como era esperado na afirmativa **E**, 100% dos professores concordaram com a afirmativa, sendo que apenas 10% concordaram parcialmente, revelando que há uma consciência entre os professores de Geografia que as novas tecnologias são importantes aliadas ao Ensino em Geografia e que podem contribuir para um processo de aprendizagem nos atuais moldes da sociedade globalizada.

Buscando dar continuidade a análise dos dados obtidos na pesquisa, os próximos gráficos apresentados traduzem a percepção dos professores e a utilização de filmes na escola/sala de aula:

Gráfico 1 - Você considera os filmes como uma ferramenta didático-pedagógica para o Ensino em Geografia?

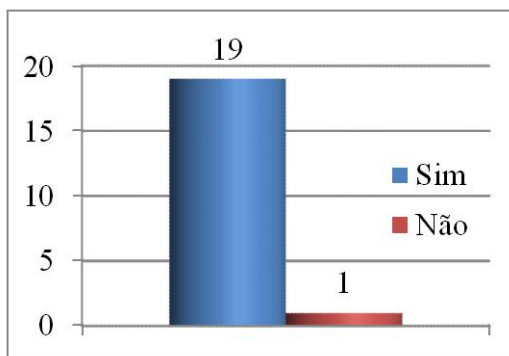
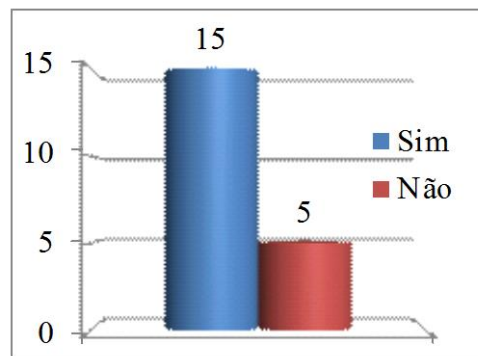


Gráfico 2 - Você costuma a exibir filmes em seu dia-a-dia de professor?



Inferese dos gráficos acima que, quase por unanimidade, os professores acreditam que os filmes possuem potencialidades e que esses podem contribuir como um instrumento para a prática pedagógica. Para elucidar tal percepção é possível usar como exemplo uma das respostas obtidas nas questões discursivas respondidas pelos professores no questionário onde o professor(a) afirma que:

“O filme é uma forma de tornar mais lúdica a aula. Ao trazermos o cinema pra sala de aula estamos tentando aproximar alunos de situações, cenários e imagens que eles não necessariamente fizeram parte, ajudando, assim na percepção dos estudantes sobre aquilo que será ou está sendo discutido em sala de aula. Apesar disso é necessária a conscientização de que mesmo sendo lúdico, não trata-se de uma aula livre, mas sim de uma aula comprometida com os conteúdos, sendo estes discutidos de outra forma que não a tradicional aula expositiva”. (Professor X, 1 ano de docência).

Contudo, percebe-se que mesmo considerando as produções fílmicas como um aliado ao Ensino em Geografia há uma diminuição do número de professores que efetivamente utilizam os filmes no seu cotidiano escolar. Os próximos gráficos trazem informações sobre o grau de importância da utilização dos filmes para os professores e apresentam indicativos dos motivos que levam os professores a não utilizarem os filmes na mesma proporção que os consideram uma ferramenta para o Ensino em Geografia.

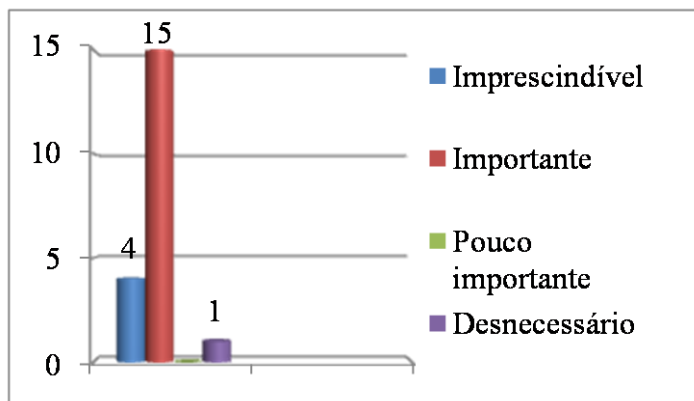
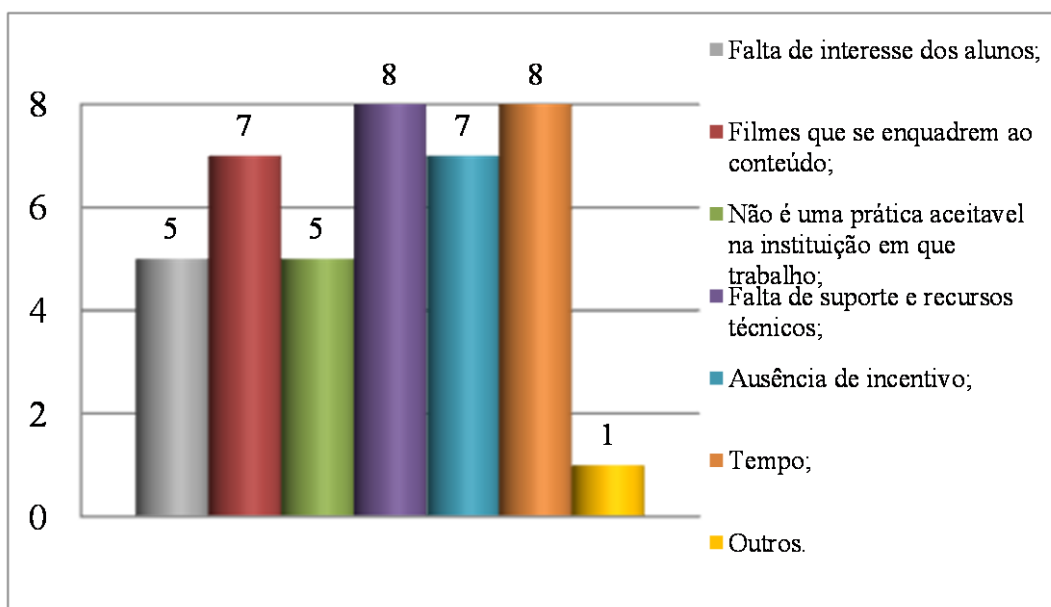


Gráfico 4- Quais são as principais dificuldades para o uso de filmes nas aulas?



No gráfico 3, nota-se que 20% dos professores julgam imprescindível e 75% importante a exibição de filmes, sendo que apenas um professor (0,05%) julgou desnecessário o uso desse recurso como uma atividade a ser desenvolvida com os alunos. Desse modo, é perceptível a existência de uma diferença significativa que pende para considerar que a utilização das projeções fílmicas é uma prática válida no contexto escolar. A opinião de um professor ilustra bem a importância atribuída aos filmes quando aliados ao Ensino em Geografia:

“A utilização de filmes em salas de aula tem a importância de evidenciar que os fatos/fenômenos geográficos estão materializados no empírico. Este ponto auxilia o processo de ensino-aprendizagem na prática do professor, pois coloca como central a necessidade do ensino a partir e por meio dos fatos cotidianos. Por parte dos alunos,

demonstra que a produção cinematográfica pode auxiliar, de alguma forma, em seus estudos.” (Professor W, 2 meses de docência).

O gráfico 4 apresenta o resultado do questionamento em que os professores puderam sinalizar quais eram os motivos que os desestimulavam e/ou quais eram as suas principais dificuldades ao optarem pelo emprego do recurso fílmico em sua prática pedagógica. Vale ressaltar que, a partir dessa questão, os professores poderiam assinalar mais de um item, já que o professor pode enfrentar mais de uma situação-problema quando faz a escolha de trabalhar com filmes em sala de aula.

Dessa maneira, percebe-se que a principal dificuldade apontada pelos professores foi compartilhada: **a falta de suporte técnico/recurso técnico** e o **tempo**. Essas opções encabeçam a lista dos principais problemas apontados pelos professores (8 marcações). Em segundo lugar, com uma quantidade de marcações (7 marcações) não muito diferente da primeira e também com um empate aparecem as alternativas: **ausência de incentivo** e **filmes que se enquadrem no conteúdo**. O terceiro lugar é dividido pelas alternativas **não é uma prática aceitável na instituição que trabalho** e **falta de interesse dos alunos** cada uma com 7 marcações. Por último, aparece a opção **outros**, na qual apenas um professor sinalizou que sua principal dificuldade era a falta de concentração dos alunos no momento da exibição do filme. A partir desse conjunto de informações, que trazem estatísticas relevantes e que condiz com os objetivos do trabalho, aliadas à última questão dissertativa do questionário, pedia-se que os professores apontassem os pontos negativos de uma experiência com o uso de filmes. Com isso, foi possível identificar que não é somente uma variável que dificulta a exibição dos filmes em sala de aula. A resposta de um dos professores exemplifica bem os problemas enfrentados no cotidiano escolar:

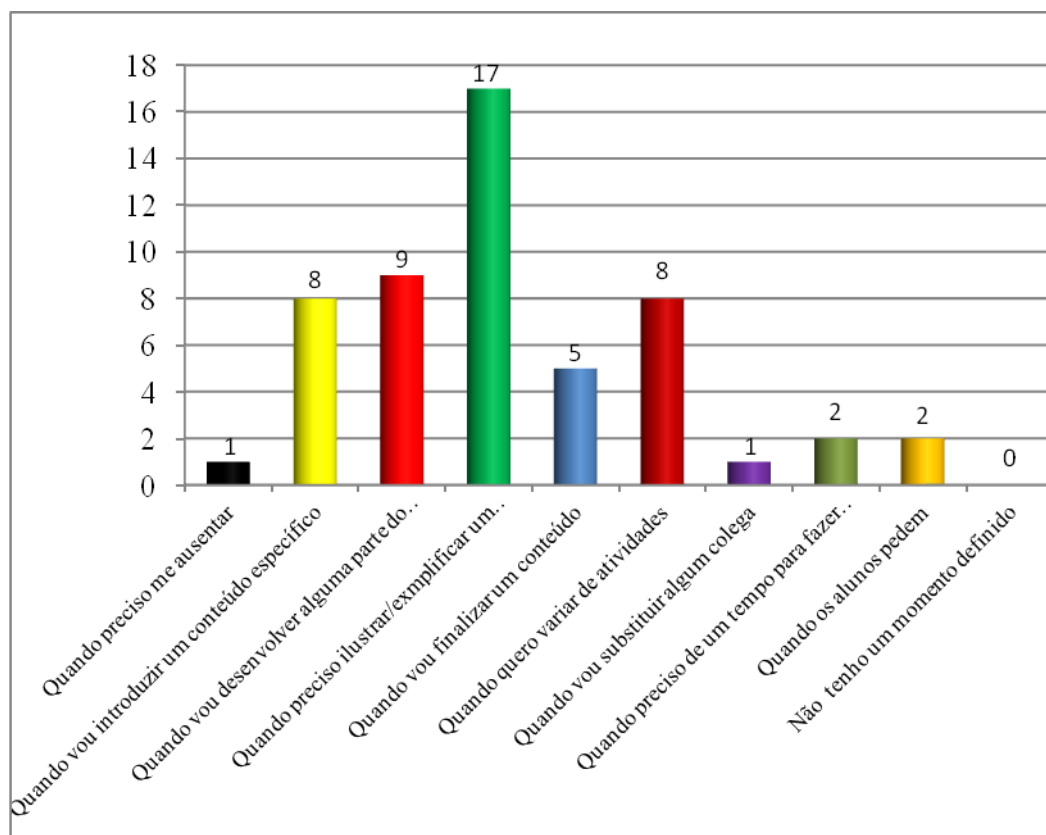
“Em relação à instituição, a necessidade de materiais adequados, o tempo, a concepção de ensino (mecanicista) inviabilizam muitas vezes o uso de filmes. Em relação aos alunos, a quantidade de tempo do filme dificulta a atenção. Além disso, os filmes conjugam fatos verídicos com a “fantasia”, o que pode confundir os alunos e, por isso, a necessidade da mediação do professor no trabalho com áudio/vídeo”. (Professor Y, 12 anos de docência).

O apontamento dos professores sobre a falta de tempo e de recursos técnicos é algo que é comum no dia-a-dia da maioria das escolas, seja uma instituição pública ou privada de ensino. A pequena carga horária destinada às aulas de geografia e equipamentos com alto custo às instituições podem ser alguns dos motivos que justificam a alta incidência de marcações nessas afirmativas.

Um destaque negativo perceptível é a quantidade de professores que optaram por assinalar a afirmativa: **filmes que se enquadrem no conteúdo**, pois existem vários livros, artigos, trabalhos de conclusão de curso que listam produções cinematográficas para serem trabalhadas em sala de aula em todos os níveis de educação. O papel do professor de se interessar, pesquisar e planejar é fundamental para o êxito da atividade. Outra ponderação a ser feita é a considerável quantidade de professores que apontaram que as instituições onde trabalham não aceitam a exibição de filmes nas aulas, limitando o potencial do professor em realizar esse tipo de atividade.

Dando prosseguimento à análise dos dados obtidos, o próximo gráfico é resultado de uma questão que teve por meta identificar em quais momentos os professores mais utilizam o cinema como ferramenta pedagógica e quais são os objetivos mais comuns que procuram alcançar quando projetam filmes durante as aulas.

Gráfico 5 - Em que momento da sua prática cotidiana na escola você trabalha com filmes?



Nota-se que muitos professores fazem uso de filmes em mais de um momento na sua prática cotidiana. Porém, é visível um destaque para a afirmativa: **Quando preciso ilustrar/exemplificar um conteúdo específico**. Com uma diferença de 8 marcações para segunda afirmativa mais assinalada, é possível assegurar que a prática mais usual na utilização dos filmes em sala de aula tem por objetivo ilustrar/exemplificar o que já foi anteriormente explanado em aulas anteriores. Utilizar os filmes com esse objetivo pode configurar-se em uma prática válida. Contudo, é necessária cautela já que a exibição de filmes não deve ter por fim ela mesma, ou seja, os filmes devem ser dissecados buscando a identificação de situações que possuam algo relevante ao conteúdo ministrado, para serem debatidas a fim de fixar o conteúdo/conceito ou confrontar o que foi colocado erroneamente no produto fílmico. Barbosa (2010) é mais “radical” e afirma que:

“tal como outro meio ou recurso didático o filme não deve ser utilizado como ilustração da palavra do mestre, ou como um reforço da aprendizagem, práticas que tornam o filme completamente inócuo ou reduzido a um mero questionário de luxo. O papel do filme na sala de aula é o de provocar uma situação de aprendizagem para alunos e

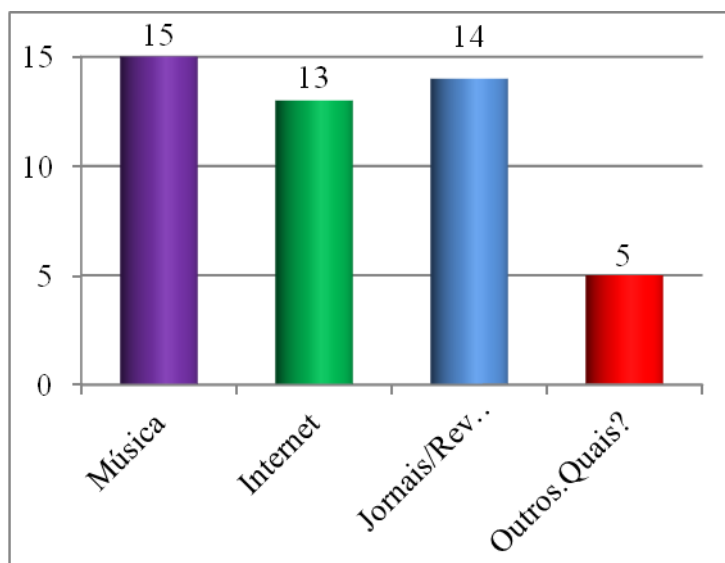
professores. A imagem cinematográfica precisa estar a serviço da investigação e da crítica a respeito da sociedade em que vivemos”. (BARBOSA, 2010, p. 112).

A segunda opção mais assinalada pelos professores foi: **“Quando vou desenvolver alguma parte do conteúdo”**, com 9 marcações. Logo em seguida, vêm as afirmativas: **“Quando vou introduzir alguma parte do conteúdo”** e **“Quando quero variar as atividades”**, cada uma com 8 marcações. A ideia de usar as produções fílmicas para introduzir ou desenvolver parte específica do conteúdo é extremamente vantajosa, pois alunos e professores terão como ponto de partida esse contexto para realizar a reflexão sobre os temas/conceitos geográficos presentes no filme. Já com relação à perspectiva de variar as atividades, é positivo perceber que os professores busquem meios de tornar as aulas menos maçantes, contudo é um caminho arriscado, pois facilmente o filme pode deixar de ser um instrumento pedagógico para ser apenas uma aula divertida. Ainda, com um número significativo de marcações (5), aparece a afirmativa: **“Quando vou finalizar o conteúdo”**, que se apresenta como uma prática válida se forem respeitados os devidos cuidados.

As demais opções, felizmente, tiveram entre 2 e 1 marcação pois não buscam uma aprendizagem significativa para os alunos e têm como objetivo ser um “tapa buraco” em momentos de necessidades dos professores (**“Quando preciso me ausentar; Quando vou substituir um colega; Quando preciso de tempo para fazer alguma coisa”**) ou ser um momento de diversão para os alunos (**“Quando os alunos pedem”**). Fazer uso dos recursos fílmicos dessa maneira é extremamente prejudicial tanto para alunos como para os professores, mas sobretudo desabona a inserção correta das TIC’s no processo de construção do conhecimento.

Sabe-se que a utilização de filmes é uma das muitas alternativas/ferramentas para o processo de construção do conhecimento. O próximo gráfico busca apontar quais outros instrumentos os professores costumam empregar em sala de aula com seus alunos.

Gráfico 6 - Além dos filmes qual desse(s) recurso (s) você já utilizou em suas aulas?

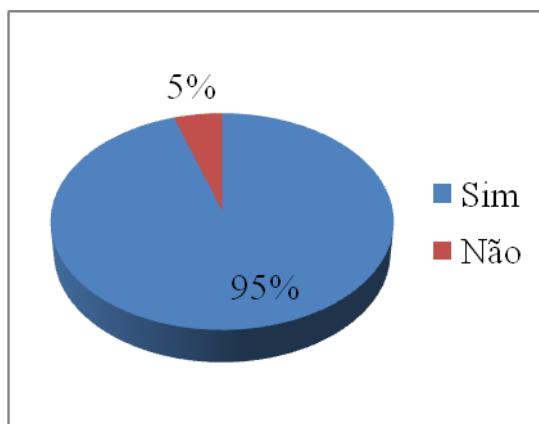


Pelas informações contidas no gráfico, nota-se que os professores apropriam-se de muitos recursos audiovisuais para auxiliá-los em sua prática cotidiana. O destaque vai para utilização das músicas (15 marcações). Porém, jornais/revistas (14 marcações) e internet (13 marcações) não ficam muito atrás. Além disso, alguns professores marcaram a opção outros onde apareceram: jogos lúdicos; materiais cartográficos; e desenhos animados.

Através dos dados analisados, pode-se perceber que as informações obtidas reforçam as bases teóricas deste trabalho, como podemos observar quando Guimarães (2007) destaca a importância da utilização de diferentes linguagens:

“O ensino de Geografia deve ser trabalhado pelo professor por meio da utilização de diferentes linguagens que favoreçam aos alunos produzir e expressar idéias, opiniões, sentimentos e conhecimentos sobre o mundo. A literatura, o cinema, o teatro, a música, a televisão, a fotografia, os textos informativos, os gráficos e mapas, são linguagens que devem estar presentes na Geografia escolar”. (GUIMARÃES, 2007, p. 50).

A segunda fase das interpretações e inferência dos dados foi realizada a partir das informações obtidas nos questionários, que foram aplicados aos alunos do 6º e 7º Ano de duas diferentes escolas. O gráfico abaixo tinha por objetivo mensurar o quanto os alunos tem afinidade com os filmes a fim de avaliar se esse poderia ser um recurso que despertasse o interesse dos alunos quando utilizado em sala de aula.

Gráfico7 – Você gosta de assistir filmes?

Constatou-se que uma maioria esmagadora dos alunos optou por responder **Sim** (95%), mostrando que os filmes têm uma boa aceitação para esse grupo, constituindo assim como um recurso com grande potencial à prática pedagógica.

Os próximos gráficos por sua vez trazem informações, sob a perspectiva dos alunos, com relação à frequência com que os seus professores empregam as novas mídias no dia-a-dia escolar e também expressam qual a opinião dos alunos a respeito da utilização desses recursos.

Gráfico 8 - Os seus professores costumam utilizar, filmes, vídeos, músicas nas aulas?

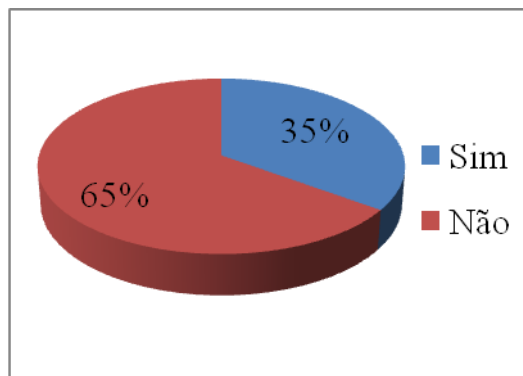
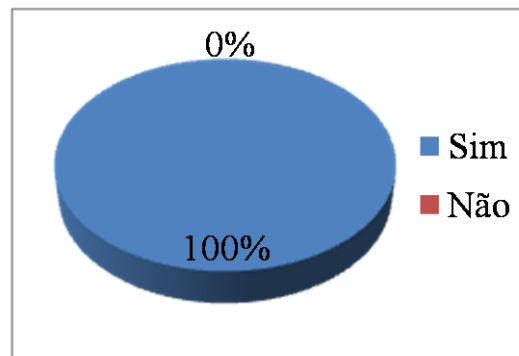


Gráfico 9 – Quando o professor usa algum desses recursos em sala você gosta?



No Gráfico 8 a maioria dos alunos (65%) optaram por marcar a opção **Não**, quando questionados se os seus professores costumam a utilizar recursos audiovisuais. Dessa maneira, percebe-se que há uma divergência entre as informações contidas no Gráfico 8 e as informações coletadas nos questionários aplicados com os professores, já que a maioria deles assinalaram que utilizam não só filmes, mas também músicas, internet e revistas/jornais em suas aulas. Outro fato que merece destaque é a unanimidade dos alunos ao marcarem **Sim** quando questionados se gostam quando seus professores utilizam desses recursos nas aulas. De certo modo esse resultado já era esperado, pois vivemos em um mundo cercado de estímulos audiovisuais e trazer isso para dentro da sala de aula empolga e na maioria das vezes interessa aos alunos. A resposta do aluno Z (7º ano) ilustra bem isso:

“Foi muito legal! Nunca nenhum professor tinha passado filme. A professora de ciências junto com a de geografia passou o filme Rio. A gente falou sobre os animais em extinção e sobre o carnaval. A floresta também tinha alguma coisa a ver com o que eu estava estudando em geografia.” (Aluno Z, 7º Ano).

Mais um ponto que merece destaque na resposta deste aluno é a permeabilidade da Geografia como disciplina escolar e também como ciência em dialogar com outras áreas do conhecimento permitindo assim trabalhos multidisciplinares e mais enriquecedores.

Os gráficos seguintes tinham a intenção de identificar se os alunos conseguem enxergar a presença da Geografia como uma disciplina que está presente nos filmes e no cotidiano deles.

Gráfico 10 – Você consegue perceber nos filmes alguma coisa relacionada com a Geografia?

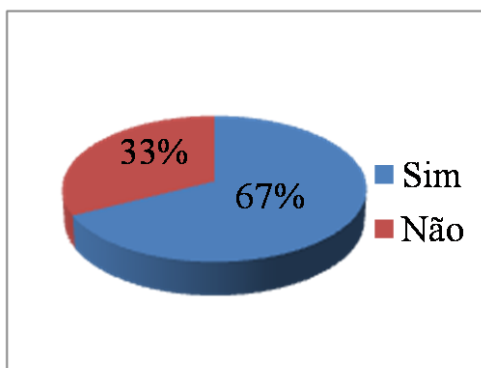
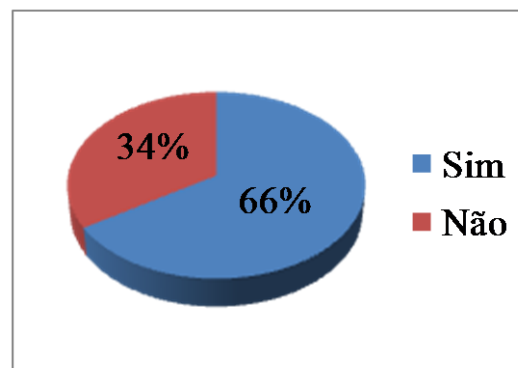


Gráfico 11 – Você consegue perceber que a Geografia está presente no seu dia-a-dia?



Nota-se que os resultados obtidos nos gráficos são muito semelhantes e que a maioria dos alunos fez a opção de marcar **Sim**, afirmando que conseguem perceber a “presença” da geografia tanto nos filmes como no dia-a-dia. Embora ainda seja relativamente grande a porcentagem dos alunos que marcaram a opção **Não**, é satisfatório que a maioria dos alunos já consiga perceber que a geografia é vivenciada por eles, confirmando assim o filme como um possível instrumento didático pedagógico.

Por fim, no dia 15 de maio, foi realizada a última etapa que teve como objetivo acompanhar algumas aulas em que o professor utilizou o filme em sua prática pedagógica. O professor optou por trabalhar com o filme no dia em que tinha um horário duplo com a turma, já que o filme apresentado tem a duração de 01h23min16s. O filme foi projetado na sala de vídeo da escola, que possuía uma TV e almofadas para os alunos sentarem durante a exibição do filme escolhido (“*Os Sem-Floresta*”), com o objetivo principal de trabalhar conceitos ligados a problemas ambientais urbanos e rurais.

Observou-se que o professor teve alguns problemas para dar início à exibição do filme, pois os alunos demoraram cerca de 15 minutos para chegarem à sala de vídeo e se organizarem. Além desse fato, ocorreu um problema de cunho técnico, pois a TV não suportava o formato do arquivo e o professor teve que, às pressas, ir a um computador disponível na escola, e mudar o formato do arquivo. Com isso, o filme começou aproximadamente 30 minutos após o início do primeiro horário. Por este motivo, o

professor decidiu alterar o que havia sido planejado. A princípio, a ideia era exibir o filme por completo, e nos 20 minutos restantes de aula fazer um debate sobre o filme, buscando relacioná-lo com o que a turma já havia trabalhado nas aulas de Geografia. Contudo, sabendo que não ia mais dar tempo de realizar o que havia sido planejado, o professor optou por realizar intervenções pontuais no decorrer do filme; em cenas que remetiam a fatos interessantes e passíveis de discussão. É importante destacar que o professor já havia trabalhado o conteúdo de problemas urbanos e ambientais e que a atividade avaliativa dos alunos também já havia ocorrido. Assim como a maioria dos outros professores que responderam ao questionário, esse utilizou o filme para **“ilustrar/exemplificar um conteúdo específico”** (ver gráfico 5).

Notou-se também que alguns outros temas que não faziam parte do objetivo principal foram abordados. Como, por exemplo: paisagem, cartografia, aspectos culturais do campo/cidade e urbanização do DF.

Considerações Finais

Esse trabalho de pesquisa visa obter um melhor aproveitamento das produções fílmicas como recurso didático no Ensino de Geografia. Porém, também há um destaque ao papel fundamental do professor na utilização dos filmes e os outros recursos midiáticos para que esses não sirvam apenas como novas ferramentas para a reprodução de um Ensino de Geografia ultrapassado.

O emprego das obras fílmicas, enquanto prática pedagógica que direciona o refletir além do que é visualizado, pode contribuir efetivamente para que haja uma quantidade cada vez maior de estudantes inseridos de maneira crítica na sociedade. Os filmes proporcionam questões de análises importantes e, quando trabalhados com um planejamento adequado, é notório que há uma utilidade pedagógica atual e objetiva.

A hipótese de que *“O professor das séries iniciais do Ensino Fundamental II enfrenta dificuldades tanto de equipamentos, como de calendário (tempo) para utilizar o filme como ferramenta didático-pedagógica”* foi confirmada a partir do que indica o gráfico 4. Além disso, foram apontadas outras dificuldades como a ausência de incentivo e instituições que não permitem que os professores utilizem o recurso fílmico como uma ferramenta didática.

Sobre a segunda hipótese, que trata do papel do professor como mediador no debate pós-filme e das demais ferramentas utilizadas para facilitar seu trabalho e entendimento dos alunos, constatou-se, a partir da elaboração dos gráficos, que a maioria dos professores, embora utilize outros instrumentos além do cinema nas suas práticas pedagógicas, deixa a desejar na instância “debate”, pois a maioria utiliza o filme com o objetivo de apenas ilustrar/exemplificar um conteúdo já trabalhado.

Já a terceira e última hipótese, que propunha *“A partir da projeção de um filme a aula prende mais a atenção dos alunos, já que mesmo sendo ficção, o filme é uma representação da realidade e está presente no dia-a-dia dela”*, também foi confirmada pela intersecção dos gráficos e relatos dos alunos que, por unanimidade, aprovaram a iniciativa dos seus professores ao utilizarem recursos audiovisuais. Relataram, também, que a aula fica mais interessante e que conseguem perceber a Geografia tanto nos filmes como no seu dia-a-dia.

Por fim, destaca-se a importância da continuação de estudos que têm como finalidade potencializar a relação da tríade entre “Cinema – Ensino de Geografia – Construção do Conhecimento”, de maneira que o objetivo seja levar o aluno a realizar uma reflexão crítica e auxiliá-lo a obter melhores resultados no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. D. A propósito da questão teórico-metodológica no ensino de Geografia. **Revista Terra Livre**, São Paulo, n. 8, p. 83-90, 1991.

AZEVEDO, A. F. Geografia e cinema. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 2009. p. 95-127.

CAVALCANTI, L. S. Concepções de geografia e de geografia escolar no mundo contemporâneo. In: _____. **A geografia escolar e a cidade: ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papirus, 2008. p.15-37.

COSTA, M. H. B. V. Filme e geografia: outras considerações sobre a “realidade” das imagens e dos lugares geográficos. **Espaço e Cultura**, n. 29, p. 43-54, jan./jun. 2011. Disponível em:

<<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3531>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

DUARTE, R. **Cinema & educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GAIA, R. V. **Educomunicação e mídias**. Maceió: Edufal, 2001.

FELIPE, D; TERUYA, T. Narrativas fílmicas na educação escolar: construindo processos de alteridade. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE, 2009. **Anais ... Cidade: Maringá UEM**, 2009. Disponível em:

<http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2009/18.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2014.

FRANSCICO, C. C. B. **Formação docente: o uso de conteúdos midiáticos e das tic no processo de ensino e de aprendizagem no ensino superior**. *Acta Scientiarum. Education*, v. 33, n. 1, p. 49-55, jun. 2011. Disponível em:

<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/download/11307/11307>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

GUIMARÃES, I. **Ensino de Geografia, mídia e produção de sentidos**. *Terra Livre*, v. 28, p. 45-66, 2007.

GUIMARÃES, I. V. Os artefatos midiáticos, a pesquisa e o ensino de geografia. In: ALBUQUERQUE, M. A. M.; FERREIRA, J. A. S. (Org.). **Formação, pesquisas e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. João Pessoa: Mídia, 2013. p. 219-238.

KAERCHER, N. A. A Geografia escolar: gigante de pés de barro comendo pastel de vento num *fast food*? **Terra Livre**, n. 28, p. 27-44, 2007.

LEITE, C. M. C. Geografia no ensino fundamental. **Espaço e Geografia**, v. 5, n. 2, p. 245-280, 2002.

LIBÂNEO, J. C. A didática e as tendências pedagógicas. In: CONHOLATO, M. C. et al. (Org.). **A didática e a escola de 1º grau**. São Paulo: FDE, 1994. p. 173

MORAIS, I. R. D. Diferentes linguagens no ensino de geografia: novas possibilidades. In: ALBUQUERQUE, M. A. M.; FERREIRA, J. A. S. (Org.). **Formação, pesquisas e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. João Pessoa: Mídia, 2013. p. 241-264.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. (Ed.). **Novas tecnologias e mediações pedagógicas**. 13. ed. São Paulo: Papirus, 2007. p. 11-66.

NEVES, A. A.; FERRAZ, C. B. O. Cinema e geografia: a construção da paisagem. In: NEER, 2007. **Anais ...** Cidade: Presidente Prudente. p. 1-13. Disponível em: <<http://www.neer.com.br/anais/NEER-1/comunicacoes/alexandre-aldoneves.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2014.

NEVES, A. A. Geografias de cinema: do espaço geográfico ao espaço fílmico. **Entre-Lugar**, Dourados, v. 1, n. 1, p. 133-156, 2010.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. A Linguagem Cinematográfica no Ensino de Geografia . In: Para ensinar e aprender Geografia. PONTUSCHKA (Org.). **Para ensinar e aprender geografia**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009, p. 259-286.

TADESCO, J. C. Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza? In: _____. (Org.). **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo: Cortez, 2004. p. 65-79.

VESENTINI, J. W. O. A questão do livro didático no ensino da geografia. In: _____. (Org.). **Geografia e ensino: textos críticos**. Campinas: Papirus, 1989. p. 52- 64.

_____. O ensino de geografia no século XXI. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n. 17, p. 5-19, 1995.

ANEXOS

Ficha técnica do filme “Os sem-floresta”

Nome Original: *Over the Hedge*

Direção: Tim Johnson / Karey Kirkpatrick

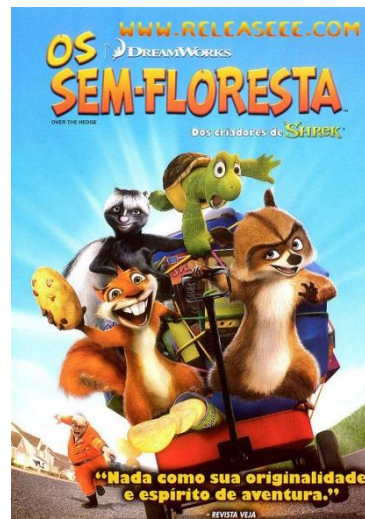
Gênero: Animação

Nacionalidade: EUA

Lançamento: 2006

Distribuidor: United Internacional Picture.

Duração: 01h23min16s



Sinopse: A primavera chegou, o que faz com que os animais da floresta despertem da hibernação. Ao acordar eles logo têm uma surpresa: surgiu ao redor de seu habitat natural uma grande cerca verde. Inicialmente eles temem o que há por detrás da cerca, até que RJ revela que foi construída uma cidade ao redor da floresta em que vivem, a qual agora ocupa apenas um pequeno espaço. RJ diz que no mundo dos humanos há as mais diversas guloseimas, convencendo os demais a atravessar a cerca. Entretanto esta atitude desagrade o cauteloso Verne, que acha melhor permanecer onde estavam inicialmente ...